

O MAPA DA ESTRADA



Ele acelerou um pouco mais. Pensava o tempo todo, não conseguia só aproveitar a estrada, bem asfaltada. Devia ser antiga: os barrancos, a sinalização...

Não havia quase sinais de pneus. Uma sorte, saber daquela pousada, ou fazenda. Há muito tempo não via casas. Olhou o marcador: gasolina na metade, mas tinha reserva, não em vasilha plástica, mas de aço — o deixava tranqüilo. A vegetação se modificava, ainda havia capões de mato denso, agora parecia o cerrado, embora apenas um palpite. Sorriu. Era perito em palpites. Sendo o melhor criador da agência, quando não sabia, inventava. Dava certo. Ultimamente, sentira tonturas estranhas, o médico dissera “Tudo bem”, estava cansado (nem para si próprio repetia a palavra “estressado”, que ouvia o dia inteiro). “Três férias atrasadas?”

O médico dissera: “Isso é um abuso contra si próprio.” Mesmo assim saíra quase fugindo da agência — queriam o endereço de onde iria, “no caso de uma dúvida maior...” Ele sabia o que aconteceria se cometesse a besteira de atendê-los.

O carro deu um pulo e derrapou. Maldita mania de pensar tanto, o asfalto acabara e agora a estrada era de terra e não muito boa. Ainda bem, não viera com o Audi. A gasolina... Fez mentalmente as somas, dava para chegar. Teve de diminuir a velocidade pela metade, teria tempo para olhar o tal cerrado, árvores retorcidas, umas aves pernaltas fugindo à distância. Parou em uma reta, bem à direita. Já fizera comerciais sobre o trânsito — exatamente em estradas desconhecidas aconteciam desastres, e não lembrava há quantas horas não via um veículo. Pegou a enorme vasilha de

gasolina. Com cuidado para não perder uma gota, encheu o tanque. Sujou o sapato na terra mole do improvisado acostamento. Só mesmo um avião poderia trombar com ele. Urinou sobre uma plantinha ressecada, não sabia se estava ajudando ou acabando de matar. Consultou as anotações. Estrada de terra, mais cem quilômetros. Balançou a cabeça. Detestava perceber tardiamente que errara em alguma coisa. Tivera a certeza de chegar antes do anoitecer: evitava dirigir à noite, mais ainda em lugar desconhecido. Distraidamente pensara gastar na terra uma hora — tolice, seria no mínimo o dobro. Entrou rápido, deu uma partida de fórmula um e tentou manter o velocímetro mais alto. Já não olhava para o cerrado, o carro saltava, ele mantinha as duas mãos no volante na posição correta — um *stunt* ensinara o que ele já sabia desde criança. Olhava o velocímetro a todo instante. Os minutos corriam e a distância parecia aumentar. Muito tempo depois parou de novo, não olhou o relógio. A escuridão era quase completa, nem viu qual planta estava matando, quando urinou.

Ele era um cidadão. Afora breves viagens, nunca vivera no campo ou em pequenas cidades. Claro, tinha medo da violência, tomava precauções inteligentes: colocara dois tipos de segurança contra roubos — ele mesmo e um colega haviam criado. Viajar naquela solidão era uma nova e interessante experiência. Estradas, para ele, sempre foram veículos de ambos os lados, olhos espertos calculando para não bater. Agora guiava só, em estrada particular, mas não perdera o condicionamento. Em cada curva fechada buzina, abaixava o farol. Um pensamento o fez balançar a cabeça, como para se libertar. “E se o carro quebrasse, a gasolina fosse insuficiente, se... não pudesse ir mais adiante nesse deserto?... Bem, dormiria no carro, água para beber tinha meio litro, comida... Não, comida não tinha. Haveria frutas no mato de árvores baixas, tortas?”

Ele não se lembrava de ter passado por alguma ponte, mas... era possível. No Brasil há sempre água. Notou que diminuía a velocidade. Era besteira, melhor manter um ritmo, aproximar-se o mais possível da pousada, ou da fazenda. Era pousada ou fazen-

da? Não sabia. Tinha só anotado como chegar e estava certo, absolutamente certo. Estrada de terra, cem quilômetros. Nas curvas fechadas os dois faróis só iluminavam o barranco. Ficou imaginando faróis que se movessem juntamente com as rodas. Patente internacional, grandes lucros. Será que uma coisa tão evidente já não fora inventada? Deu um pulo no assento — o carro entrara em um buraco, ele se distraíra. Desligou o motor, deixou todas as luzes acesas, abriu as portas, desceu. Decidiu: para a frente o carro não andaria, mas se desse marcha à ré... Teria que cavar atrás da roda? Será que ainda tinha aquela pá comprada há tantos anos? Só de pensar em mexer no porta-malas repleto, estremeceu. Deu uns pulos, agitou os braços, respirou fundo e entrou no carro. Ligou o motor, colocou em marcha à ré e foi tirando o pé da embreagem lentamente. A roda derrapou duas vezes, mas conseguiu se agarrar e puxar o carro para trás.

Desviou-se do buraco e continuou, com cuidado. No pára-brisa empoeirado escorreram gotas grossas de água. Maldita chuva. Nem percebera a sua chegada. Em uma descida, o carro escorregou, mas ele conseguiu controlar, antes de encostar no barranco. Seria terrível. Não tinha prática em estradas de terra, muito menos com chuva. O *stunt* lhe avisara: “Vire o volante na direção da derrapagem.” Falar é fácil. Estava transpirando e nem fazia tanto calor. Já deveria ter chegado àquela maldita pousada. Ia pegar as anotações da distância percorrida, mas deixou de lado. Não teve coragem de verificá-las. A estrada cada vez pior, por causa da chuva... “Naturalmente”, ele pensou. Ligou o rádio de novo — havia desligado quando acabara o asfalto. Talvez por causa da chuva a recepção era péssima. Desligou. Pela primeira vez, desde que saíra da agência pela porta dos fundos, sentiu uma pontada por dentro, o arrependimento pela decisão irrefletida: vir por estradas desconhecidas à procura de uma maldita pousada, para descansar nem sabia por quanto tempo.

Pegou o celular, experimentou — mas isso ele sabia e ficou muito feliz com a confirmação: naquela área o sinal não chegava. Estava agora subindo um morro. Os pneus às vezes giravam em

falso: era lugar para subir com correntes, ele jamais tivera as tais correntes e nem a menor idéia como eram colocadas em um pneu. Quando conseguiu chegar ao alto do morro, suspirou aliviado, havia uma amplidão pela frente, podia perceber a paisagem, por um ou outro raio, enquanto o trovão urrava atrás. Teve vontade de sair do carro, mas a chuva era forte. O pensamento que ele queria evitar o invadiu totalmente. Com todos os descontos, já deveria ter chegado. Os malditos cem quilômetros deviam ser muito mais. Limpou por dentro o vidro meio embaçado. Quando um raio mais próximo iluminou a vastidão deserta, pôde distinguir a uns duzentos metros de distância, uma bifurcação da estrada. Ligou o motor, foi se aproximando lentamente. A estrada se repartia em duas. Pegou as anotações. Leu cinco vezes com a maior atenção. Só havia a menção: “Cem quilômetros de estrada de terra, razoavelmente conservada.” Ele sabia agora o significado de “razoavelmente”. Como decidir qual direção tomaria? E, se uma delas levasse a lugar nenhum, parasse em um precipício, um barranco? Já começava a pensar besteiras, mera digressão. Fazia isso quando hesitava na redação de uma campanha. Não poderia agora, no tapa, meter as caras por instinto. Um calor invadia seu peito, molhado de suor debaixo dos braços. Esperava mais um raio iluminar de novo a paisagem, mas eles tinham parado. A chuva também. Limpou o pára-brisa, por dentro e por fora. A escuridão era uma venda preta, total. Ele respirava forte, olhando o nada. Um clarão estranho surgiu bem distante, no lado direito. Não era raio nem ouviu o trovão. Surgiu de novo, meia altura, talvez iluminasse árvores ou mesmo uma nuvem baixa. Saiu do carro e viu a luz mais uma vez. Não quis pensar, deduzir coisa alguma. Tomou a estrada da direita e foi avançando com dificuldade, não poderia chamar aquilo de estrada, era quase um atalho, sombras de plantas pela frente, talvez uma cerca dividindo alguma coisa. Pensou em procurar a tal cerca, indício de uma propriedade. A esperança de chegar ao fim do pesadelo, ele não queria interromper. Nem saberia encontrar uma lanterna no porta-malas.

Alguma coisa bruxuleou à distância. Um vaga-lume? Não, devia ser luz, mas tinha desaparecido. Foi guiando devagar, ouvindo os galhos do mato roçarem a carroceria dos dois lados. Havia muitas curvas e os faróis pouco iluminavam. Parecia que ninguém circulava ali, o mato quase invadia tudo. Olhou a gasolina: estava no fim, talvez nem conseguisse voltar para a bifurcação. O medo se instalava. Arrependia-se da impulsividade considerada inteligente no trabalho, agora cretina, perigosa. Perdido naquela selva desabitada, morreria de fome. Limpou a testa suada. Iria agora para a frente, até esvaziar o tanque. Malditos cem quilômetros. Maldita briga idiota... Ela ainda o beijara, quisera conversar, justificar-se talvez, mas ele tinha de sair violentamente, no fundo um fingimento de quem sabe, culpas e razões são equivalentes. Sua cabeça era um turbilhão de cenas, diálogos, lembranças, argumentos. Estava muito além dos cem quilômetros, ele dirigia não um carro, mas ele próprio em uma escuridão sem rumo — fuga inútil, porque era de si mesmo.

O carro bateu em algo, ele brecou instintivamente. Nem notara que a chuva molhava outra vez o vidro, o limpador de pára-brisas desligado.

Parado o motor, o carro ainda vibrava pelo esforço. Custou para abrir a porta — ele tremia também, saiu sem se importar onde pisava. Os faróis ligados iluminavam uma casa. Ele levou um susto, seria alucinação? Ele já assumira um fracasso sem remédio, a solidão total, e agora aquela casa... Talvez a pousada?

Uma janela iluminou-se. Ele ficou no mesmo lugar, estático, à espera que o milagre fosse mesmo real. A porta da frente abriu-se, uma senhora com um roupão totalmente roxo desceu os poucos degraus, tinha uma sombrinha acima da cabeça. Houve formais cumprimentos, ele fingiu a calma de quem tivesse chegado por uma florida alameda, depois de uma viagem agradável...

— Pensamos que o senhor viria antes do anoitecer.

— Eu também, minha senhora, mas a estrada deve ter muito mais de cem quilômetros.

— Cem quilômetros? Ninguém sabe quantos ela tem. Mas é muito bonita, não é?

Ele com a maleta de mão subia as escadas, atrás dela.

— Sim, sim, muito, muito bonita.

Ele se esforçava para recuperar seu senso de humor.

A senhora tinha um sotaque impossível de revelar sua procedência. Ela perguntou se queria comer alguma coisa, mas ele ansiava por uma cama, dormir, esquecer o pesadelo. Entraram em um quarto — a luz era de um lampião, que ela acendeu cuidadosamente. Ele despediu-se, tirou os sapatos, o blusão e deitou-se ainda vestido. Antes de ajeitar as cobertas, já dormia.

Acordou dez horas depois. Espantou-se ao se perceber vestido. Lembrou-se da viagem pela escuridão. Cem quilômetros? A gasolina era suficiente para mais de duzentos... Mas isso já estava longe. Levantou-se rápido, como se tivesse de ir ao trabalho. Gostava de água quente, no banheiro havia um aparelho complicado. Chamou a mulher de roxo, agora de azul, e ela mexeu em três lugares. “Água morna só, quente faz mal a saúde”, ela disse.

Descansado, depois do banho, foi sentar-se onde parecia a cozinha. Ela falou algo, ele reparou no sotaque:

— Desculpe, a senhora fala bem o português, mas... onde a senhora nasceu?

Ela sorriu, disse alguma coisa.

Ele pediu que repetisse.

Não entendera um som agudo, parecia “grec”, mas havia algo depois do “c” e antes dele alguma coisa soava como um leve estalo. Ele tentou repetir, “gresctcz”, mas nem ficou parecido. Disse:

— A senhora não nasceu na Grécia?

Ele tinha uma curiosidade infantil. Ela disse:

— Falo assim por duas línguas...

— Ah, duas línguas, quais são?

Ela não respondeu. Ele foi até a janela, perguntou coisas, porém ela, às vezes, respondia sobre outro assunto, como se não tivesse compreendido.

Quem sabe uma das línguas era francês ou inglês e a conversa ficaria melhor. Insistiu, ela levantou dois dedos ao lado da boca, talvez ele não estivesse entendendo. Ela se aproximou, abriu a

boca e estendeu a língua. Eram duas línguas, a de cima mais fina, sobre a outra. Surpreendeu-se — um defeito estranho, nunca soubera possível uma deformação assim. Ele a chamava de Senhora. O nome de batismo, com duas línguas, parecia impronunciável.

Ele deixara o relógio no quarto, não queria saber as horas. A senhora de azul preparava algo em um fogão muito comprido, de ferro, deveria funcionar com carvão ou lenha. Seria o café da manhã? Ela colocou um pano grosso na mesa, como toalha, feita à mão. Logo, um prato fumegante, mingau espesso e o que deveria ser um pão caseiro, uma casca com manchas coloridas. Ele tirou um pedaço, tinha um gosto... Experimentou de novo, se fosse uma campanha de lançamento não seria muito fácil redigir o primeiro *slogan*.

O mingau... Bem, o mingau era interessante, jamais experimentara algo parecido. A Senhora, inclinada, ao lado, esperava talvez um elogio. Ele ansiava por um café bem quente, mas não teve coragem de perguntar se ela tinha essa bebida exótica. Elogiou, “muito bom, ótimo”, quis saber do que aquilo tudo era feito. A Senhora explicou, longamente até. Ele ouviu com atenção, balançou a cabeça, mordiscou mais um pedaço do pão furta-cor, mas não entendeu. Parecia inevitável pedir repetição do que ela dizia. Desta vez, calou-se. Ficou na dúvida se a pronúncia com duas línguas o confundia ou se a comida era feita com produtos desconhecidos, nomes fora dos dicionários.

Ele entendera ter ingerido energias notáveis, com poderes especiais. De algum modo, ela seria uma boa publicitária.

Estava satisfeito e, por um segundo teve um sobressalto, empurrou a cadeira para trás. O carro, esquecera do carro.

Fingiu que estava se espreguiçando, o carro estaria ali mesmo, onde deixara. Foi até a janela, mas não o viu.

— Por favor, o meu carro?

— O Pedroro colocou no barracão.

Ele foi se dirigindo para a porta.

— Vou lá buscar umas coisas.

A Senhora fez menção de o acompanhar, ele disse: